



**Universidade Estadual Paulista Júlio De Mesquita Filho
UNESP – BAURU**

Ariane Marta de Lima Silva

**INCLUSÃO RACIAL E O MUNDO DO TRABALHO: PERSPECTIVAS
DE ATUAÇÃO POR INTERMÉDIO DE PRÁTICAS COLETIVAS**

BAURU
2025

Ariane Marta de Lima Silva

**INCLUSÃO RACIAL E O MUNDO DO TRABALHO: PERSPECTIVAS
DE ATUAÇÃO POR INTERMÉDIO DE PRÁTICAS COLETIVAS**

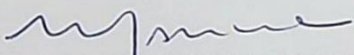
Tese apresentada ao Programa de Doutorado
em Psicologia do Desenvolvimento e
Aprendizagem – UNESP – Bauru, sob
orientação da Profa. Dra. Marianne Ramos
Feijó.

BAURU
2025

S586i	Silva, Ariane Marta de Lima Inclusão racial e o mundo do trabalho : perspectivas de atuação por intermédio de práticas coletivas / Ariane Marta de Lima Silva. -- Bauru, 2025 148 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências, Bauru Orientadora: Marianne Ramos Feijó 1. Raça. 2. Trabalho. 3. Psicologia Organizacional. 4. Diversidade. 5. Coletivos Negros. I. Título.
-------	--

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE ARIANE MARTA DE LIMA SILVA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 19 dias do mês de março do ano de 2025, às 9h, no(a) Anfiteatro da Seção Técnica de Pós-graduação da Faculdade de Ciências (Unesp/Campus de Bauru), realizou-se a defesa de TESE DE DOUTORADO de ARIANE MARTA DE LIMA SILVA, intitulada **Inclusão racial e o mundo do trabalho: perspectivas de atuação por intermédio de práticas coletivas**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Profa. Dra. MARIANNE RAMOS FEIJÓ (Orientador(a) - Participação Presencial) do(a) Departamento de Psicologia / Faculdade de Ciências Unesp Campus de Bauru, Prof. Dr. JURANDIR DE ALMEIDA ARAÚJO (Participação Virtual) do(a) Departamento de Educação / Faculdade Visconde de Cairu / EJAPOD UFBBA, Prof. Dr. PAULO VITOR PALMA NAVASCONI (Participação Virtual) do(a) Departamento de Psicologia / Unesp - Campus de Assis, Prof. Dr. JUAREZ TADEU DE PAULA XAVIER (Participação Presencial) do(a) Departamento de Jornalismo / Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (Unesp / Campus de Bauru). Após a exposição pela doutoranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: aprovado. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.


Profa. Dra. MARIANNE RAMOS FEIJÓ

Dedico esta tese à minha mãe, Dona Luzia, que me ensinou que a educação é um privilégio e um caminho para a emancipação, sempre me acolheu e nunca me abandonou nos momentos mais difíceis. Dedico a todos os meus familiares que me apoiaram e auxiliaram de alguma forma na conclusão deste trabalho. Também dedico aos movimentos negros que, por meio de lutas e reivindicações, fizeram com que eu pudesse ter acesso a esse privilégio e à consciência de que a luta é um processo contínuo para nós.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a toda minha família, em especial à minha mãe, que sozinha conseguiu educar seus filhos em uma sociedade que a subjugou e diminuiu seus sonhos de poder ser. Ao meu irmão Jairo, que sempre me motivou a estudar e tentar melhores possibilidades na minha vida, ora pelas palavras, ora pelos exemplos. A minha irmã Vanessa e aos meus sobrinhos Arthur e Lisiê, por me incentivarem a ter leveza na vida.

Agradeço à minha orientadora Profa. Dra. Marianne, pois sem sua presença na minha carreira acadêmica não haveria coragem para encarar esse espaço. Agradeço as palavras de acolhimento, pela escuta sensível das minhas demandas, e por acreditar nesse sonho comigo desde o mestrado.

Agradeço aos meus amigos, pelo carinho, acolhimento e compreensão nos momentos mais difíceis. Por não desistirem de mim e não me julgarem pelas escolhas e ausências que precisaram ser feitas para que esta tese fosse concluída.

Agradeço ao Pedro, à Aninha e o Gilmar, por sempre acreditarem em mim desde à graduação, por me ajudarem a sobreviver emocionalmente e financeira às dificuldades que eu encontrei no meu processo de formação. Vocês também são minha família.

Agradeço ao coletivo ECOA e à coordenadora Taynara, por ampliarem meus conhecimentos, por meio do afeto da comunidade de pessoas que acreditam na possibilidade de um país com justiça racial.

Agradeço aos participantes da pesquisa pelas valiosas contribuições ao tema de estudo, pela disponibilidade de troca comigo e pela luta que realizam em seus coletivos / movimentos negros em busca de melhores condições para a população negra.

Agradeço aos professores Dr. Juarez Xavier, Dr. Jurandir Araújo e Dr. Paulo Navasconi, minha banca do exame de qualificação, pelas importantes contribuições oferecidas para o desenvolvimento da pesquisa e escrita desta tese, e pelas contribuições na reivindicação de direitos e espaços de existir para a população negra.

Agradeço à Seção Técnica de Pós-Graduação do programa de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem pela gentileza em realizar os esclarecimentos e atender minhas solicitações dos últimos anos.

Agradeço à CAPES, pois o presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001.

”Eu acho que todos nós, principalmente gente preta de periferia, é subestimado demais. É encorajado a desistir e a não acreditar. É louco isso. Te encorajam a não ter coragem, então você sente que o seu cabelo é feio, que a sua pele é feia, que a sua família é feia, que a sua casa é feia, e fica com uma vergonha enorme de tudo. Chega no primeiro dia de aula e faz um esforço inimaginável pra se tornar invisível. Com medo das humilhações e da agressão que vai sofrer. É muito cruel fazer isso com uma criança, mas é isso que a sociedade faz desde muito cedo. Eu fui uma dessas crianças. E aí, você cresce com um milhão de impossíveis na sua mente. Aquilo foi carimbado na sua alma. Todos aqueles traumas se transformaram em algo que até você confunde com a sua própria personalidade e quando você percebe você também está desencorajando alguém. É um ciclo vicioso, muito difícil de perceber e mais difícil ainda de ser quebrado. Sem uma referência de uma possibilidade, o que te inspira? O seu horizonte vai diminuindo, diminuindo, diminuindo, e quando você vê está preso em um cubículo claustrofóbico, deprimido e silenciosamente repetindo pra si mesmo que a vida é assim mesmo, que a culpa é sua. A corrente de ferro nem é necessária, uma mais forte já foi colocada na sua mente, mas o pensamento é uma força transformadora com uma capacidade infinita de criação. Eu demorei anos para entender direito o que eles (Fióti e Emicida) faziam. Um era bom aluno, tocava na fanfarra, trabalhava de carteira registrada e tudo. O outro, tinha um monte de equipamento, que eu não sabia para o que servia direito. Ficava lá, lendo essas revistinhas, escrevendo partituras que ele inventava na mente, porque ele não tocava nenhum instrumento naquela época. Ele fazia isso dizendo que era para não esquecer as ideias de batidas para quando ele ”tivesse” onde gravar. Você há de concordar comigo: é inusitado pra dizer o mínimo. Aquele ambiente de descrença extrema onde eu fui criada e, por consequência, eles também acabaram sendo, roubou o meu sonho de mim e me fez achar que tudo era impossível e chegava a ser ofensivo ver tanta fé emanando de um sonho deles que brotava no meio de tanta miséria. É constrangedor pensar nisso hoje e mais constrangedor ainda é pensar que o mundo pode fazer a gente deixar de crer no potencial das pessoas que a gente ama. Empobrecendo o nosso espírito. Eu agradeço a Oxalá por eles não terem me escutado nunca. Porque foi a questão dos sonhos deles e lutando contra o mundo todo que eles fizeram todos que se conectaram com eles acreditarem também. E foi assim que eles me fizeram acreditar que ainda tinha tempo para que eu lutasse pelos meus sonhos também. E depois você vê o que esses meninos fizeram você não consegue mais acreditar no impossível não”.

Dona Jacira, texto do vídeo de comemoração de 10 anos do “Laboratório Fantasma”

RESUMO

O Brasil utilizou por mais de três séculos a mão de obra escrava de negros e indígenas para produção de recursos, bens e desenvolvimento econômico. Os efeitos desse histórico são sentidos até hoje, principalmente para a população negra, que tem menos acesso à educação e trabalho, colhendo os frutos do racismo estrutural. O objetivo desta pesquisa foi realizar um levantamento de dados sobre inclusão racial em contextos organizacionais e de preparação para o trabalho, que auxiliem na produção de futuras ações de inclusão profissional afrocentradas para profissionais pretos e pardos. Para o desenvolvimento desta pesquisa, foram realizados dois estudos, sendo o primeiro um levantamento bibliográfico de artigos científicos brasileiros que abordassem as temáticas de inclusão racial, mercado de trabalho e correlatos, no período de 2013 a 2023. No segundo estudo foram convidados 11 participantes de coletivos negros, com mais de 18 anos e de ambos os sexos, para conhecer quais os benefícios foram obtidos por meio da participação nos coletivos, identificar se a inclusão nas atividades auxiliou de alguma forma o desenvolvimento do projeto de vida / trajetória profissional dos participantes, assim como elencar as temáticas de maior impacto social trabalhadas pelo grupo. Para a obtenção destes dados foi realizada a aplicação de um questionário socioeconômico e uma entrevista com roteiro semiestruturado, que foram conduzidos de forma remota, por meio de plataformas disponibilizadas pelo Google (Forms e Meet). A entrevista foi gravada para transcrição e análise posterior. Os estudos desenvolvidos demonstraram que embora o número de pesquisas tenha crescido nos últimos anos, ainda é necessário maior investimento dos pesquisadores, principalmente na área da Psicologia, que discutam ações de acolhimento e prevenção em saúde mental, e estratégias de mudança no contexto organizacional do Brasil. Sobre a participação nos coletivos / movimentos negros, observou-se que há benefícios para os participantes no processo de desenvolvimento profissional e de carreira, como acolhimento, pertencimento, letramento racial e encorajamento para enfrentar situações de racismo vivenciadas no processo de formação e contextos de trabalho. As temáticas mais citadas foram saúde mental e letramento racial, apontando para a necessidade de ações de prevenção e cuidado em saúde mental para as vítimas de racismo nos contextos de trabalho e a conscientização da população preta e parda sobre como a cor/raça podem impactar em diversos contextos de vida.

Palavras-chave: Raça, Trabalho, Psicologia Organizacional, Diversidade, Coletivos Negros.

ABSTRACT

For more than three centuries, Brazil used the slave labor of blacks and indigenous peoples to produce resources, goods and economic development. The effects of this history are still felt today, especially among the black population, which has less access to education and employment, suffering from the consequences of structural racism. The objective of this research was to gather data on racial inclusion in organizational and workforce preparation contexts, which could assist in the creation of future Afrocentric professional inclusion actions for black and brown professionals. To develop this research, two studies were conducted: the first was a literature review of Brazilian scientific articles that addressed themes of racial inclusion, the labor market, and related topics from 2013 to 2023. The second study involved 11 participants from black collectives, over 18 years old and of both genders, to understand the benefits obtained from their participation in the collectives, to identify whether inclusion in the activities had assisted in some way in the development of their life projects/professional trajectories, as well as to list the themes with the greatest social impact worked on by the group. To obtain this data, a socioeconomic questionnaire and a semi-structured interview were conducted remotely using platforms made available by Google (Forms and Meet). The interview was recorded for later transcription and analysis. The studies conducted demonstrated that, although the number of research studies has grown in recent years, greater investment from researchers is still needed, especially in the field of Psychology, to discuss actions of mental health support and prevention, and strategies for change in the organizational context of Brazil. Regarding participation in black collectives/movements, it was observed that there are benefits for participants in the process of professional and career development, such as support, belonging, racial literacy, and encouragement to face situations of racism experienced during their education and work contexts. The most cited themes were mental health and racial literacy, highlighting the need for prevention and mental health care actions for victims of racism in work contexts and raising awareness among black and brown populations about how color/race can impact various life contexts.

Keywords: Race, Work, Organizational Psychology, Diversity, Black Collectives.

LISTA DE QUADROS

ESTUDO 1

Quadro 1 - Distribuição de artigos publicados por ano de publicação.....	35
---	----

LISTA DE GRÁFICOS

ESTUDO 01

Gráfico 1 - Distribuição de artigos publicados por ano de publicação	34
---	----

ESTUDO 02

Gráfico 1 – Escolaridade dos participantes	66
---	----

Gráfico 2 – Renda familiar dos participantes	67
---	----

LISTA DE FIGURAS

ESTUDO 01

Fluxograma 1 - Processo de identificação, triagem e elegibilidade dos artigos.....32

ESTUDO 02

Figura 1 - Nuvem de palavras com as temáticas identificadas na pesquisa.....82

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

CAAE – Certificado de Apresentação de Apreciação Ética

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior

CAPS – Centro de Atenção Psicossocial

CEO – Chief Executive Officer

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

COVID – Corona Virus Disease

DCNS - Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Superiores

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

ETEC - Escola Técnica Estadual

FIES – Fundo de Financiamento Estudantil

FRENAPO – Frente Negra de Ação Política de Oposição

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LGBTQ+ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Transgêneros/Travestis, Queer e outras identidades de gênero e orientações sexuais.

LGBTQIAPN+ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Transgêneros/Travestis, Queer, Intersexo, Assexuais, Pansexuais, Não-binários e outras identidades de gênero e orientações sexuais.

LILACS – Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde

MEC – Ministério da Educação

MEI – Microempreendedor Individual

MNU – Movimento Negro Unificado

ONU – Organização das Nações Unidas

PCD – Pessoa Com Deficiência

PePSIC – Periódicos Eletrônicos de Psicologia

PFAA - Programa Federal de Ações Afirmativas

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílio

PROUNI – Programa Universidade para Todos

PT – Partido dos trabalhadores

SCIELO – Scientific Electronic Library Online

SUS – Sistema Único de Saúde

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

UENF – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

UNB – Universidade de Brasília

UNEB – Universidade do Estado da Bahia

UNESP – Universidade Estadual Paulista

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	15
1 – INTRODUÇÃO GERAL	20
2 – JUSTIFICATIVA	25
3 – OBJETIVO GERAL.....	27
3.1 – OBJETIVOS ESPECÍFICOS	27
ESTUDO 1 - INCLUSÃO RACIAL E MERCADO DE TRABALHO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA.....	28
Introdução	28
Método	30
Resultados e discussão.....	33
Considerações Finais	49
Referências.....	50
ESTUDO 2 - MOVIMENTOS NEGROS COMO DISPOSITIVOS DE ENFRENTAMENTO À EXCLUSÃO RACIAL NO MUNDO DO TRABALHO.....	56
Introdução	56
Métodos de coleta e análise de dados	62
Resultados e discussão.....	64
Considerações Finais	86
Referências.....	87
4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92
REFERÊNCIAS GERAIS.....	97
ANEXO A - Parecer consubstanciado do Comitê de Ética e Pesquisa	100
APÊNDICE A – Questionário Socioeconômico	103
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	105
APÊNDICE C - Categorias temáticas de análise	107
APÊNDICE D - Violência contra mulheres na internet: a necessidade de prevenir e de enfrentar o <i>cyberbullying</i>	117
APÊNDICE E - Práticas Dialógico-Colaborativas com familiares de PcD para inclusão laboral	135

APRESENTAÇÃO

“Desde cedo a mãe da gente fala assim: filho, por você ser preto, você tem que ser duas vezes melhor. Aí passado alguns anos eu pensei: como fazer duas vezes melhor, se você tá pelo menos cem vezes atrasado pela escravidão, pela história, pelo preconceito, pelos traumas, pelas psicoses, por tudo que aconteceu? Duas vezes melhor como?

Ou melhora... Ou ser o melhor ou o pior de uma vez.

E sempre foi assim. Você vai escolher o que tiver mais perto de você, que tiver dentro da sua realidade. Você vai ser duas vezes melhor como? Quem inventou isso aí?

Quem foi o pilantra que inventou isso aí?

Acorda pra vida rapaz"

Racionais Mc's - A Vida É Um Desafio

A motivação para a realização dessa pesquisa surgiu em uma conversa que tive com a minha mãe. Ela estava em acompanhamento posterior ao tratamento de um câncer e estávamos esperando o médico chamá-la. Contei para ela sobre o agendamento da defesa da minha dissertação de mestrado e ela, que ainda não entende muito bem como funciona a pós-graduação, perguntou se eu ainda não havia terminado a faculdade. Expliquei rapidamente sobre como funcionava e passamos a conversar sobre trabalho. Ela, que ainda trabalhava como empregada doméstica, confidenciou como se sentia preocupada com o meu futuro há alguns anos, porque sabia que eu não gostava dessa ocupação e tinha a sensação de que não haveria muitas possibilidades para mim se não essa. Contou que sentia muito orgulho de como eu era dedicada para os estudos e que ficava feliz de não ter que trabalhar limpando a casa de ninguém, lembrando um pouco das situações, que eu entendo como violências, que ela foi obrigada a se submeter. No final da nossa conversa, fiquei feliz pelas palavras que ela falou, do jeitinho que ela conseguia expressar, mas também fiquei reflexiva sobre como meu lugar no mundo do trabalho estava determinado pela minha cor e pela nossa classe social. Senti que precisava estudar e entender mais sobre isso, por mais que havia me esquivado durante tantos anos desse local de dor, para me proteger e sobreviver, mas naquele momento já me sentia forte para suportar.

“Que é necessário voltar ao começo

Quando os caminhos se confundem, é necessário voltar ao começo

Não sabe pra onde ir? Tem que voltar pro começo

Pra não perder o rumo, não pode esquecer do começo

Cê entende, que assim é verdadeiro?"

Emicida – Intro (É necessário voltar ao começo)

Minha primeira experiência de trabalho foi aos 11 anos de idade, eu cuidava de uma criança de sete anos e limpava a casa três vezes por semana, mas odiava. Dona Luzia, minha mãe, muito corajosa e sensível, mesmo precisando do dinheiro para ajudar na renda da casa,

deixou que eu saísse desse trabalho, mas pediu para que eu estudasse para que não precisasse disso para viver. Comecei a me dedicar muito aos estudos, o que também não era tarefa fácil, porque eu odiava a escola. Não tirava boas notas e recebia aquele carimbo de regular em quase todas as páginas do caderno. Quando minha mãe precisou voltar a estudar por causa do trabalho, a função que ela exercia na época exigia ensino médio, eu a acompanhava nas aulas do ensino fundamental e ajudava ela nas tarefas de casa. Com o carinho dela, que me elogiava por saber os conteúdos que ela estava estudando, entendi que eu não odiava a escola, eu não gostava da estrutura escolar, mas eu aprendi como as coisas funcionavam e comecei a me destacar em algumas matérias.

No Ensino Médio eu passei no vestibulinho da ETEC de Mogi Mirim, cidade que minha família iria morar quando meu irmão foi transferido no trabalho. Aprendi a gostar do ambiente escolar naquela escola. Com as disciplinas de projetos comunitários e as gincanas da semana “Paulo Freire” eu me apaixonei por aprender e me sentia valorizada. Paulo Freire ficaria orgulhoso dessas iniciativas. No último ano do Ensino Médio meu irmão conversou comigo sobre o PROUNI, visto que eu já estava há pelo menos três anos prestando o ENEM e conseguindo boas notas. Decidi arriscar e deu certo, consegui ser aceita em três instituições de ensino superior com bolsa integral.

Escolhi cursar Psicologia em 2008 na Universidade do Sagrado Coração de Bauru, cidade que voltamos a morar, pois não conseguiria me manter em outra cidade, já que os cursos que eu havia sido aprovada eram todos em período integral. Sobrevivi aos cinco anos da faculdade com a ajuda da minha família, aqui incluo também a família do Pedro, meu melhor amigo, que me deram todo o suporte emocional e financeiro que eles podiam. Na época eu estudei muito, não só porque eu gostava, mas no dia da matrícula a secretária foi enfática em me avisar que se eu não conseguisse manter uma boa média de notas, poderia perder a bolsa de estudos. Toda minha dedicação me rendeu o certificado de mérito da maior média de notas das turmas do integral e do noturno.

Ao final do curso da graduação, fui aprovada no processo seletivo da Residência Multiprofissional em Saúde Auditiva da Universidade de São Paulo (USP) em Bauru. Foram dois anos de muita experiência profissional, conheci diversas pessoas e famílias que eram atendidas no serviço, de todas as cores e classes sociais (Viva o SUS). Nos últimos meses da especialização vários alunos conversavam sobre a possibilidade de prestar o processo seletivo para o mestrado, mas eu imaginava que aquilo era impossível para mim, então preferi me lançar no mercado de trabalho. Muita coisa aconteceu nos cinco anos que separaram meu ingresso no mestrado. Lembro que em um dos trabalhos que eu executava com muito

empenho, porque eu realmente precisava daquela remuneração para me sustentar, fui desligada por não possuir o perfil da instituição. No desligamento a coordenadora me definiu como insubordinada, o que me incomodou muito, pois nunca havia apresentado nenhum comportamento diferente das minhas colegas de trabalho, que eram pessoas brancas. Essas colegas tentaram me alertar sobre o motivo do desligamento, mas eu não conseguia (ou não queria) entender na época. Acabei me afastando da Psicologia por alguns anos, comecei a trabalhar com uma equipe de fotografia em festas de formatura até me tornar coordenadora de equipe. Durante os eventos, por diversas vezes, fui confundida com a equipe da limpeza, mesmo com uniforme totalmente diferente da empresa que executava esse serviço, mas eu sempre julguei que era desatenção dos formandos e de suas famílias. Quando questionava as outras coordenadoras, elas diziam que isso não ocorria com elas.

Voltei a trabalhar como psicóloga na APAE de Bauru em um serviço de apoio a inclusão escolar e depois fui aprovada na SORRI – Bauru em um programa de habilitação e reabilitação profissional para pessoas com deficiência. Foi quando, em 2018, resolvi prestar o processo seletivo para a pós-graduação da UNESP de Bauru e estudar sobre a inclusão das pessoas com deficiência no mundo do trabalho. O desejo de estudar sobre o tema também surgiu de um incômodo que era: quase todos as pessoas com deficiência que conseguíamos incluir no mercado de trabalho atuavam em cargos operacionais, de baixa complexidade e, conseqüentemente, baixa remuneração. Foi então que conheci a Profa. Dra. Marianne, minha orientadora, que me ajudou a compreender como pessoas que cruzaram meu caminho me ajudaram a quebrar diversas barreiras que a sociedade me impôs.

Quando iniciei o doutorado em 2021 o incômodo foi o mesmo, mas com outro grupo minoritário, o que participo. Realizar este trabalho e discorrer sobre o racismo estrutural foi uma tarefa muito difícil e desafiadora, pois precisei me olhar no espelho e entender também sobre a minha própria história, dar nome às experiências que eu vivi e vivo quase todos os dias. Pensar sobre trajetórias profissionais e de carreira de pessoas negras fez com que eu compreendesse melhor a luta que travo diariamente. Recentemente comecei a atuar como docente e a escrita dessa tese, assim como a iniciativa de implementar um grupo de estudos étnico-raciais na instituição, fez com que eu me fortalecesse nesse espaço, que muitas vezes, para pessoas como eu, é muito difícil de estar.

A participação no grupo de estudos étnico-raciais “Ecoa” e a parceria com a professora Taynara me ajudaram a compreender também as contribuições descritas nas falas dos participantes da pesquisa, pois, nesse grupo, passei a me sentir como um sujeito que pode falar sobre suas percepções, ser ouvido e acolhido em suas demandas. O grupo e as relações afetivas

construídas em cada encontro me fortaleceram e me ampararam nos últimos meses, além de me encorajarem a falar, no espaço acadêmico, sobre incômodos que agora não eram só meus.

**“Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Se isso é sobre vivência, me resumir à sobrevivência
É roubar o pouco de bom que eu vivi
[...]Achar que essas mazelas me definem é o pior dos crimes
É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nós sumir.”**
Emicida, Pabllo Vittar e Majur – AmarElo

A seguinte tese encontra-se dividida em estudos distintos, escritos em formato de artigos. O primeiro estudo, intitulado “Inclusão racial e mercado de trabalho: uma revisão integrativa de literatura”, apresenta uma revisão bibliográfica de artigos brasileiros que discutem sobre o profissional negro e o mundo do trabalho. O segundo estudo, intitulado “Movimentos negros como dispositivos de enfrentamento à exclusão racial no mundo do trabalho” descreve uma pesquisa realizada com participantes negros de grupos afrocentrados (coletivos, grupos de estudo e movimentos negros de forma geral) com o objetivo de refletir sobre a relação dessa participação com os processos de formação profissional e desenvolvimento de carreira. No processo de conclusão, discutimos sobre a possibilidade do desenvolvimento de grupos afrocentrados para profissionais negros no mundo do trabalho, perante os benefícios identificados durante a pesquisa.

Como parte das produções realizadas durante o período do doutorado, segue incluso artigo (APÊNDICE D) produzido em parceria com outros pesquisadores que foi publicado no “Cadernos da Defensoria Pública do Estado de São Paulo - 15 anos da Lei Maria da Penha: avanços e desafios” em 2022, que discute sobre a violência contra mulheres na internet, por meio do cyberbullying. O artigo intitulado “Práticas Dialógico-Colaborativas com familiares de PcD para inclusão laboral”, também incluído ao final da tese (APÊNDICE E), realizado em parceria com outros pesquisadores, foi submetido para a Revista Laborativa em 2024 e está em análise pelo periódico. O artigo descreve uma proposta de intervenção com familiares de pessoas com deficiência (PcD) que objetiva ofertar apoio e reflexões sobre o processo de inclusão das PcD no mundo do trabalho, utilizando-se das práticas dialógico-colaborativas.

Outra produção realizada em parceria com a orientadora durante o período de doutoramento foi um capítulo do livro “Psicologia e saúde no trabalho: da teoria a prática”, organizado pelos autores Maria Luiza Gava Schmidt e Cassiano Ricardo Rumin. O capítulo intitulado “Práticas colaborativo-dialógicas para a ampliação da equidade racial e de gênero em organizações de trabalho”, discutiui como o período escravocrata repercutiu nas

organizações de trabalho na atualidade e traz reflexões sobre ações que podem subsidiar a busca pela equidade racial e de gênero no mundo do trabalho. O capítulo não está presente no corpo da tese, respeitando os direitos autorais da obra.

1 – INTRODUÇÃO GERAL

O trabalho e seu contexto exercem grande influência no desenvolvimento das pessoas, visto que na fase adulta é o local em que passam a maior parte do tempo, estabelecem contato social e aplicam muito dos conhecimentos e habilidades adquiridos durante os anos. Borges e Yamamoto (2014) descreveram em sua obra que o trabalho é compreendido como toda ação/força que visa a sobrevivência do homem, sendo uma atividade que é permeada pela cultura e por suas relações de poder, levando em consideração sua construção histórica.

O Brasil é um país com um histórico de trabalho escravo de quase quatro séculos, período em que a estrutura econômica foi construída com a exploração da população africana e indígena, no cultivo da cana de açúcar, do café e na mineração. Após assinatura da Lei Áurea, em 1888, um discurso de democracia racial foi difundido, pregando que o país era fruto de uma miscigenação de raças, logo o racismo não era um problema social. Porém tal ideia foi disseminada por pensadores brancos, ou a serviço das classes favorecidas, implementando um pensamento que servia para encobrir um sistema de opressão baseado na cor. É evidente que até os dias atuais o discurso é presente, pois apesar da ausência de leis que restrinjam [diretamente](#) o acesso dos negros à educação, saúde ou relacionamentos afetivos interracialis no Brasil, um mecanismo social, denominado racismo estrutural, fez com que a população negra entendesse que sua cor, suas características, sua luta fossem motivos da sua marginalização, atribuindo significados negativos aos mesmos e, de forma política, apagando sua história e sua cultura (Nascimento, 2016).

Segundo Almeida (2019) o racismo estrutural é um fenômeno que caracteriza o racismo como componente de atuação nas instituições, nas práticas sociais e nas relações de poder da sociedade. Ele não se manifesta apenas em atitudes individuais, mas é reproduzido sistematicamente por meio das normas, das leis, da economia, da cultura e das políticas públicas, sendo um elemento estrutural que organiza a sociedade e perpetua desigualdades raciais.

A exploração da mão de obra escrava foi sustentada em uma ideia de inferioridade cognitiva e intelectual e de pouca civilidade da população negra, que diante desse contexto de propagação de preconceitos, se mostrava predominantemente submissa. A resistência para trabalhos físicos, posta como característica da população negra, ancorou significados e comparações com o trabalho animal nas produções. Tais construções cultivadas durante séculos passaram a fazer parte do que é ser negro, do discurso e da constituição dessa população. Devido ao colonialismo e a posição de poder do europeu na hierarquia social brasileira, instaurou-se

um padrão branco para tudo que era certo e bom, sendo o negro a posição contrária da equação (Nascimento, 2016).

As desigualdades para o acesso ao mundo do trabalho iniciam-se cedo, no período de qualificação. A visão inferiorizada do negro, construída historicamente, está presente nos ambientes escolares, inclusive nas relações entre professores e alunos. Paula, Almeida e Giorgi (2018) realizaram um trabalho para discutir um texto produzido por um professor sobre seus alunos cotistas e observaram que o texto “exalta a figura de uma professora que, “capaz de identificar as debilidades inerentes daqueles alunos cotistas”, pode superar suas próprias dificuldades para assim poder ajudá-los, salvá-los de um destino ligado à marginalidade” (p. 400). Os autores dialogaram com o trabalho produzido pelo teórico Frantz Fanon, que rebate em sua obra as acusações de um “complexo de inferioridade”, atribuído ao povo negro, com a proposta de um “complexo de autoridade” por parte dos brancos. Pontuaram ainda que discursos como o realizado pelo professor aprisionam o negro ao status de uma representação negativa, como inferior, perigoso, menos inteligente, mais ingênuo, mais agressivo e mais potente físico e sexualmente.

Santos Júnior (2018) realizou um trabalho intitulado “Algumas considerações sobre uma escola afrocentrada: entre a periferia e a educação” que buscou discutir a importância de enegrecer a educação e trabalhar com a pluriversalidade de epistemes, onde a população negra sintasse representada. Salientou ainda que há muitos desdobramentos condizentes com o contexto brasileiro para pesquisa, bem como trouxe a necessidade de fortalecer a comunidade negra de conhecimento para as adversidades que estão presentes e que irão surgir.

Os trabalhos acadêmicos que abordam estratégias de enfrentamento do racismo na escola também são escassos. Carvalho e França (2019) realizaram uma revisão integrativa de literatura sobre racismo e educação nas bases de dados SciELO, PePSIC e periódicos Capes, sem delimitação do período de busca. Os autores, após análise dos resultados, encontraram 20 trabalhos em que os temas mais frequentes eram: Lei n. 10.639/2003 e formação docente, inclusive em relação ao enfrentamento do racismo. Concluíram, portanto, que os estudos sobre essa temática precisam ser ampliados, pois as discussões são importantes para aprofundar o tema e o compartilhamento dos recursos utilizados para o enfrentamento do racismo na escola.

A baixa representatividade de negros e pouca produtividade de trabalhos que dialoguem sobre as temáticas de raça e cor também estão presentes na ciência. Nascimento (2018) realizou um trabalho para discutir a presença do negro na ciência brasileira, através de duas amostras retiradas de dois grupos de trabalho, no âmbito da CAPES e do CNPq, que buscou apresentar

um perfil étnico racial da ciência brasileira e analisar a presença de racismo epistêmico¹ na produção de conhecimento. Concluiu que a maior dificuldade para um pesquisador que investiga a presença dos negros na ciência é a ausência de dados oficiais. Salientou a importância da entrada de negros e negras em espaços como a pós-graduação, favorecendo novos olhares sobre os objetos científicos e mudanças epistemológicas da própria ciência brasileira. O autor finalizou sua pesquisa abrindo espaço para o debate sobre o papel dessa realidade para a manutenção de privilégios brancos no *status quo* e a manutenção do racismo epistêmico e sua configuração cordial na sociedade brasileira.

Damasceno e Zanello (2018) realizaram uma pesquisa com o objetivo de encontrar na literatura científica brasileira estudos sobre o impacto do racismo na saúde mental de negros no Brasil, visto que o racismo é uma forma de opressão, de agressão e de violência, sendo que tais práticas podem afetar a saúde mental da pessoa alvo. As buscas foram realizadas nas plataformas Scielo e Lilacs, referentes ao período de 1999 a 2014 e 19 artigos foram considerados relevantes para análise, mesmo não tratando exclusivamente do impacto do racismo na saúde mental. Os autores concluíram que o tema tem baixa produção acadêmica no Brasil de modo geral, e pouca contribuição da Psicologia e das categorias profissionais presentes nos Centros de Assistência Psicossocial (CAPS).

No que diz respeito ao mundo do trabalho, as oportunidades e vivências da população negra demonstram ser necessário realizar estudos que compreendam a relação de raça e gênero com o trabalho. Nogueira (2017) estudou a identidade do trabalho doméstico no Brasil, levando em conta que este possui um perfil majoritariamente negro e uma história definida pelas relações servis de trabalho. Relatou que as mulheres negras que trabalham com serviço doméstico representam 17 % das mulheres que trabalham de forma remunerada e não encontram condições sociais favoráveis à ascensão, como educação, cultura e moradia. Ao final, a autora abriu a discussão do porquê estas mulheres estão seguindo este caminho. Postulou que o poder de escolha não parece ser real e que os três principais eixos de poder, classe, raça e gênero, infelizmente, cumprem um papel definidor no mercado de trabalho.

Andrade e Assis (2018) realizaram um levantamento de produções científicas brasileiras sobre assédio moral no trabalho nas áreas de saúde e educação, considerando as relações de gênero, poder e raça. Notaram, na análise de 20 artigos selecionados, que há carência de estudos que tenham o gênero e a raça como categorias centrais e que as pesquisas apontam a necessidade de investigações sobre as relações de poder que integrem as categorias de raça e gênero,

¹ Conceito que se refere à exclusão ou desvalorização de conhecimentos produzidos por determinados grupos sociais, principalmente grupos historicamente marginalizados.

apontadas como centrais nas vivências do assédio moral no trabalho. Os achados, segundo as autoras, mostram a influência do assédio moral na saúde do trabalhador, na sua vida familiar e no desenvolvimento da sua carreira.

Em um estudo conduzido por Campos *et al.* (2020), realizado para avaliar a associação entre estressores ocupacionais e saúde mental, focalizando desigualdades de gênero e raça/cor da pele entre trabalhadores da saúde, os autores concluíram que a prevalência de transtornos mentais comuns foi maior entre as mulheres (negras: 23,7%, e não negras: 19,6%), quando comparada com a verificada entre os homens (negros: 17,6%, e não negros: 14,7%). Observou-se também um índice maior de transtornos mentais comuns para as mulheres negras e com trabalho ativo e de alta exigência, comparados aos índices de mulheres não negras.

É importante destacar que a maior prevalência de transtornos mentais associados a estressores ocupacionais entre homens e mulheres negras não está associada a uma possível predisposição ao adoecimento psíquico, conforme hipótese fundamentada e sustentada por teorias racistas no contexto científico, mas sim à maior vulnerabilidade emocional à qual pessoas negras estão expostas, devido à combinação de outros fatores de risco para a saúde mental, gerados também pelo racismo.

Para Coelho e Dutra (2020):

“Compreender que a esfera trabalhista está cerceada por diferentes opressões sociais auxilia na construção de caminhos que tratem os sujeitos de forma digna, de maneira a contribuir para a reivindicação permanente da cidadania, com seus caminhos de emancipação novos, complexos e desafiadores e que fazem parte da reflexão permanente que as experiências dessa natureza têm por dever alimentar” (Coelho; Dutra, 2020, p. 2360).

No Brasil, uma das primeiras publicações sobre o assunto é da autora Neusa Santos Souza em 1983 sob o título “Tornar-se Negro”, fruto de sua pesquisa acadêmica. A autora descreveu como o psiquismo se relaciona com as questões sociais no contexto brasileiro e como o racismo influencia na constituição emocional do sujeito. Apontou que o psiquismo do negro busca um ideal de ego (modelo simbólico perseguido pelo indivíduo) que é ser branco, ou seja, desenvolver características que são atribuídas somente às pessoas brancas, como características físicas, formas de se relacionar, consumo de cultura e desenvolvimento de carreira. Descreveu que para o negro, ser o melhor, ter acesso à educação, êxito no relacionamento afetivo e posição de prestígio econômico e cultural não permite que ele seja lido como branco socialmente.

Frente à constatação da impossibilidade de realizar o ideal herdado, o negro se encontra diante de duas saídas: desistir e sucumbir as exigências da realidade ou lutar para encontrar novos caminhos. O encontro com sua história e a luta pelas causas relacionadas podem ser

aliados nesse caminho, como uma forma de recuperar a autoestima, de afirmar sua existência e de identificar o seu próprio lugar (Souza, 1983).

A criação de coletivos negros nas universidades, inspirados por grupos militantes e partidos políticos, foi uma forma de unir uma minoria que vivenciava a invisibilidade durante seu processo de formação profissional e o silenciamento de espaços que eram ocupados em sua maioria por estudantes brancos. Guimarães, Rios e Sotero (2020) realizaram uma discussão que buscou analisar estratégias, organização, perfis e discursos em coletivos atuantes em três universidades para propor hipóteses interpretativas sobre a formação de novas identidades negras no Brasil. Descreveram os coletivos negros universitários como grupos que pregam horizontalidade na tomada de decisões e ausência de hierarquia na forma de organização, constituindo-se como grupos de discussão e de atuação política e intelectual em torno de um ideário libertário e emancipatório. Concluíram que a implementação de políticas afirmativas trouxe mudanças significativas nos movimentos estudantis negros, com uma nova tendência de produção de conhecimento, visto que os estudantes envolvidos com os coletivos geralmente buscam estudar temas relacionados às questões que afetam a vida da população negra ou que afetam as subjetividades de pessoas de grupos socialmente discriminados e subjugados. Salientam ainda a necessidade de mais pesquisas sobre a indagação principal do projeto desenvolvido, que é “que efeitos têm a nova forma de organização em coletivos sobre as identidades negras?”.

Rosa e Alves (2020) apresentaram em seu trabalho as inquietações geradas a partir da escuta psicológica realizada aos estudantes negros e negras da Universidade Federal de Pelotas, que teve como objetivo compreender os movimentos de (re)existência de estudantes negros e negras em meio a invisibilidade e o silenciamento impostos pelo racismo. Concluíram que o encontro entre iguais, a constituição de coletivos negros e a escuta clínica figuram como importantes estratégias para permanecer e existir na universidade, estilhaçando a máscara do silenciamento.

As práticas narrativas e colaborativas desenvolvidas por David Denborough (Denborough; Ncube, 2011), pautadas nas ideias de White (Matheus; Bolze, 2022), tem sido aplicadas em contextos de pessoas que experienciaram situações traumáticas, as quais David acredita que sejam reflexo de injustiças e de problemas sociais e não individuais. Sendo assim, o enfoque de tais práticas é contribuir para transformações sociais com sustentação em quatro princípios, sendo: 1 - ao escutar o outro, ele compreende que há uma dupla narrativa, uma que menciona o problema traumático vivenciado e outra que relata os recursos e habilidades que a pessoa fez uso para conseguir enfrentar e se proteger desse problema, o que inclui pessoas da

sua rede de proteção; 2 - tentativa de ajudar a pessoa a identificar histórias alternativas nas narrativas saturadas pelo problema; 3- tentativa de conectar as experiências individuais narradas a situações que envolvam o coletivo, ou seja, a pessoa deixa de estar sozinha em sua experiência e começa a conhecer o que há de comum na diversidade que contempla o contexto das relações sociais; 4 - possibilitar que todas essas narrativas construídas nessa conversação possam ter a oportunidade de serem partilhadas e assim contribuir com a vida de outras pessoas (Lion, 2017).

Logo, faz-se necessário o desenvolvimento de estudos que auxiliem na produção de conhecimento sobre questões referentes à raça, gênero e trabalho, visto que o mundo do trabalho, a construção de projeto de vida e de carreira não podem ser compreendidos como fenômenos descolados da realidade social, histórica e econômica do sujeito e do seu contexto. Desenvolver práticas e mecanismos que auxiliem o trabalhador a refletir e criar estratégias para lidar com as adversidades impostas pelo racismo é primordial para a construção de um ambiente de trabalho diverso e práticas de trabalho digno. Os recursos narrativos e colaborativos podem favorecer a construção de tais mecanismos e de novos significados, com ampliação de autoconhecimento e com fortalecimento de identidades e de vínculos.

Pretende-se com esta pesquisa conhecer os estudos que estão sendo desenvolvidos nos últimos anos no contexto brasileiro sobre práticas de inclusão racial no mundo do trabalho e identificar se a discussão e reflexão sobre as temáticas citadas acima, em parceria com outras pessoas negras, podem trazer efeitos positivos na formação e trajetória profissional de trabalhadores negros.

Considerações Finais

As práticas interventivas voltadas para preparação no mercado de trabalho devem ser realizadas em grupos, salvo exceções, e precisam priorizar a aprendizagem profissional e as habilidades interpessoais, desenvolvidas através do contato com outros participantes e intervenções pontuais dos membros do grupo. Adaptações razoáveis são necessárias para garantir o acesso às informações passadas, como o uso da Linguagem Brasileira de Sinais (LIBRAS), estratégias de comunicação alternativa ou complementar, adaptação dos materiais de intervenção conforme necessidade do público (leitores de telas, alto contraste, letras ampliadas, imagens, atividades sequenciadas, adaptadores de lápis, pranchas, entre outros).

Vale ressaltar a importância dos programas de habilitação e reabilitação profissional serem continuamente atualizados e adaptados para as particularidades dos seus participantes, de suas famílias e da comunidade que está inserido, pois o sucesso destas práticas estará atrelado a adesão destes agentes à proposta do programa.

Com o objetivo de favorecer a inclusão e manutenção das PcD no mercado de trabalho, as intervenções das instituições de habilitação e reabilitação profissional para este público devem ocorrer na preparação profissional, no processo de busca ativa por vagas de emprego e no suporte para as empresas em seus projetos de inclusão e acessibilidade, visto que muitas das barreiras identificadas são relacionadas a falta de conhecimento e acesso nos locais de trabalho.

Muitas famílias, especialmente as que têm menos acesso aos direitos, o que inclui poucos anos de escolaridade e inadequadas condições materiais para acessar serviços de qualidade, estão desamparadas na busca de inclusão da PcD e muitas vezes são mal compreendidas em suas necessidades. Poucas são as famílias que com os próprios recursos materiais, cognitivos, afetivos e relacionais sentem-se preparadas para orientar e acompanhar o desenvolvimento da PcD e sua inclusão laboral.

Frequentemente os genitores desejam a felicidade e o desenvolvimento de seus filhos, mas não sabem como promovê-los ou não possuem recursos para cuidar do seu próprio sustento e qualidade de vida. Profissionais preparados, em instituições estruturadas e com foco na inclusão podem se valer de práticas dialógico-colaborativas e de base narrativa para o apoio às famílias de PcD no processo de inclusão no mercado de trabalho.

Referências

ACUÑA, J. T. Desenvolvimento de Autoconhecimento e Projeto de Vida na Orientação Vocacional: um relato de caso. **Nova Perspectiva Sistêmica**, v. 29, n. 68, p. 91-104, dezembro 2020.

ADORNE, A.C.A.; TEIXEIRA, R. S.; FEIJÓ, M.R. Oficinas de Orientação Profissional em Instituições de Reabilitação Profissional. IN CARDOSO, H.F. et al., **Experiências de formação em psicologia organizacional e do trabalho e orientação profissional**. Araraquara: Letraria p. 145-153, 2017.

AMARAL, C.B.; GUAZELLI, J. K.; FEIJÓ, M. R. Grupo Reflexivo sobre Qualidade de Vida em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos. IN CARDOSO, H.F. et al., **Experiências de formação em psicologia organizacional e do trabalho e orientação profissional**. Araraquara: Letraria p. 99 a 109, 2017.

ARAÚJO, G. B., PARADISO, A. C., LASSANCE, M. C. P., SARRIERA, J. C. Carreira e narrativa: contribuições para a intervenção. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, Porto Alegre, v14. n2, 2013. pp. 191- 201.

BRASIL. Decreto nº 3.298, de dezembro de 1999. Regulamenta a Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção, e dá outras providências.

CAMARGO, M. L.; FEIJÓ, M. R. **Inclusão da Pessoa com Deficiência (PcD) no mercado de trabalho**: orientações para organizações contratantes. Araraquara: Letraria, 2017. ISBN: 978-85-69395-13-3

CAMARGO, M. L.; GOULART JÚNIOR, E.; LEITE, L. P. O psicólogo e a inclusão de pessoas com deficiência no trabalho. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília. v. 37, n. 3, p. 799 - 814. 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/ngsbyT5Xz7JLTJnZCXPbRdC/abstract/?lang=pt#>>. Acesso em out. 2022.

CARO, C. C.; ARAKAWA, V. A. T.; BETOLI DE ANDRADE, E. V. Experiência de uma equipe transdisciplinar com servidores em afastamentos por auxílio-doença. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 26, n. 1, p. 225–240, 2018.

CARVALHO-FREITAS, M. N. **A inserção de PcD em empresas brasileiras – um estudo sobre as relações entre concepções de deficiência, condições de trabalho e qualidade de vida no trabalho** (Tese de doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, p. 315, 2007.

CARVALHO-FREITAS, M. N. Inserção e gestão do trabalho de pessoas com deficiência: um estudo de caso. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 13, n.spe, p. 121-138, jun. 2009. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1415-6552009000500009>>. Acesso em: mar. 2024.

CARVALHO-FREITAS, M. N. et al. Comprometimento organizacional e qualidade de vida no trabalho para pessoas com e sem deficiência. **Psico-USF**, Itatiba, v. 18, n. 1, p. 109-120, abr. 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/psuf/a/Zk5tmyZVnmj8rnrfk697NdC/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: mar. 2024.

COOPERRIDER, D.; SORENSEN, P.; YAEGER, T.; WHITNEY, D. **Appreciative Inquiry: Foundations in Positive Organization Development**. Champaign: Stipes Publishing, 2005.

DENBOROUGH, D. O Time da Vida com Jovens Refugiados. **International Journal of Narrative Therapy and Community Work**, Adelaide, pp. 14, 2018. Disponível em: <<https://dulwichcentre.com.au/wp-content/uploads/2018/09/team-of-life-with-young-men-from-refugees-background-portuguese-version-.pdf>>, 2018. Acesso em mar. 2024.

DENBOROUGH, D.; NCUBE, N. (2011). Atendendo crianças que vivenciaram traumas: a árvore da vida. **Nova Perspectiva Sistêmica**, v. 39, p. 92-101, 2001. Disponível em: <<https://www.revistanps.com.br/nps/article/view/192>>. Acesso em maio de 2022.

DOTA, F. P. **Inclusão da Pessoa com deficiência intelectual no mercado de trabalho: Avaliação de um programa de capacitação profissional**. 2015. 83 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2015.

FEIJÓ, M.r.; BARBIERI, F.A.; PEREIRA, T.I.; AUGUSTO, B.S.; GASPAR, C.S. Grupos com cuidadores de pessoas com doença de parkinson (DP): um convite à reflexão. **Nova Perspectiva Sistêmica**, v. 29, n. 68, p. 31-45, 2020. Disponível em <<https://dx.doi.org/10.38034/nps.v29i68.547>>. Acesso em: mar. 2024.

FRABETTI, K.C.; THOMAZELLI, C.; FEIJÓ, M.R.; CAMARGO, M.L.; CARDOSO, H.F. Práticas Narrativas e Orientação Profissional: a possibilidade de desconstrução de estereótipos ligados às profissões. **Nova Perspectiva Sistêmica**, v. 24, n. 53, p. 41-55, 2015. Disponível em: <<https://www.revistanps.com.br/nps/article/view/145>>. Acesso em: mar. 2024.

GRANDESSO, M. **Construcionismo social e práticas colaborativo-dialógicas**: contextos de ações transformadoras. Curitiba: CRV, 2019.

LEHMAN, Y. P. Orientação profissional na pós-modernidade. In LEVENFUS R.S., SOARES D H. P. Soares (Orgs.). **Orientação vocacional ocupacional**. 2 ed., Porto Alegre: Artmed, 2010, pp. 19-30.

LOPES, E. M. DE C.; LEITE, L. P. Deficiência adquirida no trabalho em policiais militares: significados e sentidos. **Psicologia & Sociedade**, v. 27, n. 3, p. 668–677, set. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-03102015v27n3p668>

LORENZO, S. M.; SILVA, N. R.. Contratação de Pessoas com Deficiência nas Empresas na Perspectiva dos Profissionais de Recursos Humanos. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 23, n. 3, p. 345–360, jul. 2017.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes. Resolução aprovada pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas em 09/12/75. Disponível em <<https://gddc.ministeriopublico.pt/sites/default/files/decl-dtosdeficientes.pdf>>. Acesso em: nov. 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. 2006. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-das-pessoas-com-deficiencia>>. Acesso em: abr. 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Relatório mundial sobre a deficiência**. The World Bank; tradução Lexicus Serviços Lingüísticos. São Paulo: SEDPcD, 2012.

PASCOAL, I.O. **Trabalho, Renda e Habilidades Sociais**: redução de vulnerabilidade em tempos de pandemia por Covid-19. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem. Unesp, Bauru, 2022. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/items/11a58413-f56e-4f97-8d29-3726a3f8674d>> Acesso em: mar. 2024.

SEDLMAIER, B. M. G. et al. Assistência e cuidado da pessoa com deficiência na atenção básica. **Rev. Ciênc. Ext.** v.16, p.69-83, 2020._

SCHMIDT, M.L.G. **Dicionário temático de saúde/doença mental no trabalho**: principais conceitos e terminologias. 1. ed. São Paulo: FiloCzar, 2020. p. 497.

SCHMIDT, M. L. G.; CASTRO, M. F.; CASADORI, M. M. (Orgs.). **Fatores Psicossociais e o Processo Saúde/Doença no Trabalho**. 1. ed. São Paulo: FiloCzar, 2018. p. 454.

SCHMIDT, M. L. G.. **Arteterapia Sociopsicodramática na Readaptação Profissional - Aspectos Teóricos e Metodológicos**. 1. ed. São Paulo: LTr, 2017. p. 255.

SOUSA, R. J. **Habilidades Sociais e Sofrimento Psíquico de Jovens e seus Familiares**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem. Unesp, Bauru, 2021. Disponível em: <[DissertaMESTRADO - Rosemberg Marianne - Versão Final - 24-07-2021 \(unesp.br\)](#)> Acesso em: mar. 2024.

SOARES-LUCHIARI, D. H. **Pensando e Vivendo a Orientação Profissional**. São Paulo: Summus, 1993.

VICENTIN, P. M.; TANAKA, T.F.; CAMARGO, M.L.; GOULART JR., E. A importância do trabalho na construção da identidade de pessoas com deficiência. **Laborativa** v.10, n.1, 2021.

WITCZAK, M.V.C.; PEIXOTO, A.L.A. **Desafios da inclusão de pessoas com deficiência no trabalho**: reflexões e prática. Salvador: Edufba, 2021. ISBN: 978-65-5630-191-4